

Ação Comum

prodac-aciso

O Programa Diversificado de Ação Comunitária e a Ação Cívico Social do Exército, vêm desenvolvendo conjuntamente um trabalho de grande amplitude no campo comunitário.

Em Maceió, o PRODAC-ACISO chega pela primeira vez a uma capital da Região Nordeste, motivando as populações periféricas diante da necessidade de participar socialmente nos problemas mais importantes de suas vidas.

Por que Maceió? A resposta para esta pergunta, acreditamos, está presente em todo este número do Ação Comum. Leia com atenção e carinho e você concordará conosco.

Por que Maceió?

A Igreja Matriz.



“O riacho se chamava Maçaió.
O povo foi falando foi mudando,
e... de Maçaió, virou Maceió.”

Maria José — Coordenadora Estadual do MOBRL

DE MAÇAÍÓ

À MACEIÓ

Em 1610, Antônio Martins Ribeiro recebe a doação de uma sesmaria às margens do riacho Maçaió, comprometendo-se a povoar a terra e instalar um engenho.

O engenho cresce lentamente, prejudicado pelas invasões hoíandesas, mas estava lançada a pedra fundamental da futura capital de Alagoas. Hoje, quem passa pela praça D. Pedro

II, não imagina que ali nasceu o engenho, sua capela e a própria Maceió. No início do século XIX, a cidade já possuía 5.000 habitantes, tendo conhecido a partir desta época um crescimento mais rápido, culminando com a resolução de 9 de dezembro de 1839, na qual a Assembléia Legislativa Provincial, elevava Maceió à categoria de cidade e capital da província de Alagoas.

MACEIÓ HOJE

Pajuçara, Trapiche, Pontal da Barra, Francês, Garça Torta são algumas das praias de Maceió. Água verdinha, um pouquinho morna, coqueiros espalhados por todos os cantos, são as maiores atrações da cidade, formando uma paisagem de beleza incomum.

Difícil encontrar praias tão bonitas. Mas Maceió não é só isto.

Ouricuri, Jacintinho, Chã da Jaqueira são outros nomes importantes na vida da cidade. São os bairros de onde saem diariamente os pedreiros, vendedores ambulantes, operários da indústria, soldados, biscateiros, que povoam o cotidiano da cidade em sua corrida para garantir o pão, o leite e a farinha nossa de cada dia.

Da indústria química, têxtil, do porto e do comércio de cana-de-açúcar, dos serviços domésticos, da construção ci-

vil e dos empregos públicos vivem a maior parte dos 400.000 habitantes de Maceió. Os salários giram em torno do mínimo regional e o preço do arroz, feijão, leite, carne e sururú (prato típico de Alagoas) anda pela base dos supermercados do Rio, São Paulo, Porto Alegre e Recife.

Nos guias turísticos localizamos com facilidade as praias, museus e demais atrações cantadas e decantadas por todos os visitantes, sejam eles brasileiros, europeus ou norte-americanos.

Sobre Ouricuri, Chã da Jaqueira e Jacintinho sabemos apenas a localização apontada pelo mapa da cidade — ao Norte, Jacintinho, ao Sul, Ouricuri e a

Oeste, Chã da Jaqueira. Muito pouco para o muito de vida, gente e solidariedade existentes nestes bairros. Talvez nem o turista mais atento perceba e possa compreender a verdadeira Maceió entranhada nas ruas de terra batida, esgoto correndo a céu aberto; na descida do povo de Chã da Jaqueira para mais um dia de trabalho e no mutirão dos habitantes de Jacintinho, limpando para sempre o lixo da porta de suas casas.

O MOBRL, o PRODAC/ACISO e sua proposta de trabalho comunitário penetraram neste lado de Maceió. O outro lado de Maceió. A história dessa história, nós vamos contar agora.

OURICURI



Assim é Ouricuri.

A moça Rita aliás, forma com Dadau e a Claudinete um dos trios mais ativos no trabalho comunitário em Ouricuri. No PRODAC-ACISO os três mergulharam fundo, pegando firme no batente, sempre procurando um jeito de resolver os problemas mais sérios do bairro através da participação da própria população local.



Rita, Dadau e Claudinete.

Um mundo em 5 ruas

5 ruas, 17 vilas, 4.000 habitantes, a 10 minutos do centro, na beira-mar do Trapiche: é o bairro de Ouricuri. Apenas isso? Não, claro que não.

“Aqui no bairro a comunidade é muito pobre, a maior parte não consegue ganhar nem o salário mínimo. Trabalham de ajudante de pedreiro, soldado, empregado lá do cais do porto, as mulheres de lavadeira e tudo mais”.

Rita, moradora local.

O primeiro contacto da reportagem da Ação Comum com eles, foi na casa onde estava funcionando o quartel general da campanha de documentação. O problema do desemprego é sério em Maceió. Com a documentação prontinha, fica bem mais fácil para o cidadão começar a procurar emprego.

Mas a conversa não parou por aí.

CAMINHANDO PELAS RUAS DE OURICURI:

Estas 5 ruas, boas para um passeio, foram revelando metro a metro tudo aquilo que a Rita, Dadau e Claudinete tinham falado sobre o bairro, o PRODAC-ACISO e a vida em geral, lá na casinha da campanha de documentação.

O BAIRRO:

Depois de 500 metros de caminhada, uma pequena parada para um bate-papo, cafezinho gostoso na casa de D. Maria, e a vida de Ouricuri chegava “devagarinho” aos nossos ouvidos.

Na casa de D. Maria, 4 cômodos, moram 9 pessoas: ela, o marido, 4 filhos e 3 sobrinhos. O aluguel é caro — Cr\$ 700,00 mensais por um quarto com luz — pois em Ouricuri nem todos são proprietários.

A falta de vagas no grupo escolar e os 100,00 da matrícula, foram outros

problemas apontados pelos moradores do bairro. Fizemos as contas e vimos que, realmente, para uma família com mais de 3 filhos em idade escolar, o preço da matrícula está caro.

Mas os moradores de Ouricuri não abaixaram a crista diante de tudo isso. Pelo contrário, hoje, o lixo, a creche e a lavanderia não preocupam mais a ninguém.

“E isso, já é alguma coisa, não é mesmo”

(Dadau)

PRODAC-ACISO

A vida do povo de Ouricuri é dura. Aluguel caro, comida cara, salário baixo, escola pouca, hospital distante, mas a vontade de mudar é grande.

Dentro desse quadro, a entrada do PRODAC-ACISO no bairro bateu em cheio na disposição do pessoal. As reuniões realizadas, o levantamento das necessidades e os debates que procuravam ver por onde seria possível começar, transformaram o outro lado de Ouricuri.

Participação da comunidade na limpeza das ruas.

Reforma da creche.



“Depois do PRODAC, as pessoas se animaram muito. A gente se reuniu, limpou o lixo, conseguimos que o caminhão da limpeza pública passasse 3 vezes por semana para pegar o lixo que o pessoal agora coloca direitinho em lugares certos. Só não está muito bom porque na Rua São João, que está toda esburacada o caminhão não pode passar”.

(Rita)

A creche e a lavanderia também receberam uma faxina em regra. Na base do mutirão, a creche foi pintada, o telhado reformado e o muro levantado.

Na lavanderia, as próprias lavadeiras compraram quase todo o material necessário para a reforma, e ainda ajudaram muito na mão-de-obra.

Um belo trabalho, que sem dúvida alguma, resolveu alguns problemas de Ouricuri, e mais que isso, contribuiu para o despertar dos moradores, frente à situação mais geral de suas vidas.

Lavadeiras participando na construção do muro da lavanderia.



Jacintinho é desprezado
 Nem água e esgoto tem
 e neste bairro também
 é raro vê um soldado
 pois os que estão instalados
 não dão total cobertura
 Se tem uma briga dura
 o povo vai resolvendo
 Jacintinho está vivendo
 sem a menor estrutura

*“falta quase tudo no mais
 populoso bairro de Maceió”*

JACINTINHO

A chamada do dia 11 de dezembro de 1979, em um dos jornais de maior circulação no Estado de Alagoas, acompanhada por uma longa matéria, dá a medida exata dos problemas enfrentados pela população deste bairro de Maceió.

O verso de seu Vicente, sapateiro, completa na matéria do jornal, a introdução do leitor no mundo dos 40.000 habitantes de Jacintinho onde, no dizer do poeta, falta água, esgoto e soldado.

O MOBRAL entra em JACINTINHO

Com a operação PRODAC-ACISO, o MOBRAL entra em Jacintinho lado a lado com Exército, trazendo sua proposta de ação comunitária. As principais lideranças do bairro são contatadas, tem início o trabalho de mobilização, o levantamento das necessidades reais da população, a viabilidade de resolução desses problemas, os meios mais eficazes de encaminhar as propostas de participação social etc... O segundo passo foi entrar direto no trabalho. De mangas arregaçadas.

“No levantamento feito, ficava mais fácil ver o que não faltava no bairro, pois faltar, faltava quase tudo. Creche, cemitério, ginásio de esportes, escola, limpeza do lixo, rede de água

e esgoto, luz elétrica para uma parte do bairro, posto médico, etc... etc... etc...”

(Carlos Alberto, morador local)

Dessa lista, resolveu-se que o lixo e a água seriam os primeiros a receber as atenções do grupo comunitário. Nas reuniões das quais participaram moradores do bairro, suas principais lideranças e agentes do MOBRAL e do Exército, foram discutidas e decididas as diretrizes do trabalho. Mutirão para limpar o lixo dos terrenos baldios e a ida de uma comissão de moradores do bairro para reivindicar junto à companhia de água o conserto da bomba, responsável pela seca que assolava uma boa parte de Jacintinho há várias semanas.



“O problema da água ficou logo resolvido com o conserto da bomba. Só não está de todo bom porque nem todo mundo pode pagar Cr\$ 1.300,00 para ter a água na porta de casa. O povo pede muito para essa quantia ser parcelada em 4 ou 5 vezes, mas a companhia de água diz que não tem recursos para poder fazer isso. O resultado é que tem muita gente sem água porque não pode pagar esses Cr\$ 1.300,00 assim na bucha.”

(Sergio Lopes, morador de Jacintinho)

O MUTIRÃO

No meio da reunião que estava decidindo a organização do mutirão para limpar o lixo dos terrenos, a ponderação de dona Iraci caiu como uma luva:

“Mas gente, não adianta nada limpar o lixo se o caminhão não passa para recolher. Daqui a pouco vai estar tudo sujo de novo. O caminhão precisa passar no mínimo duas vezes por semana. Senão isso tudo não adianta nada.”



Campanha de vacinação.

O LIXO E

Todo mundo concordou com Dona Iraci. Ao mesmo tempo que um mutirão iniciava a limpeza do lixo, o grupo comunitário conseguia, da Prefeitura, a promessa do caminhão da Companhia Municipal de limpeza passar pelas principais ruas de Jacintinho, duas vezes por semana.

Pouco tempo depois o bairro estava com outra aparência. A coleta do lixo está atendendo a quase metade de Jacintinho, e já se pensa em ampliar o trabalho para outras ruas.

O CAMINHÃO

JACINTINHO tem história

“Olha, dizem que os primeiros moradores foram chegando aqui prá mais de 30 anos. Muita coisa aqui pertencia a um tal de seu Jacinto, que foi deixando o povo pobre construir suas casas no terreno que era dele. Isso daqui ficou conhecido como do “Seu Jacintinho”, tiraram o seu e ficou só Jacintinho”.

(José Carlos morador de Jacintinho)



Participantes do Curso de Enfermagem, uma das atividades do PRODAC no bairro.

participe

Se você está interessado em ter maiores informações sobre o PRODAC, em tirar dúvidas quanto ao trabalho comunitário, ou tem sugestões para nos dar, procure o Supervisor de Área do MOBRAL de seu município, o Auxiliar Comunitário, a Coordenação do MOBRAL de seu Estado ou escreva à

Gerência de
 Programas de Ação Comunitária —
 GEPAC
 Rua Visconde de Ouro Preto, 62
 Rio de Janeiro - Botafogo
 CEP 20.000

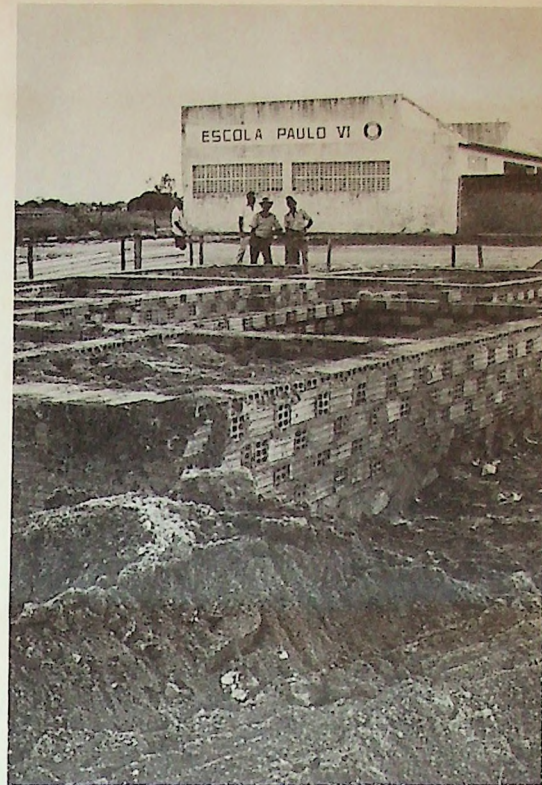
UM BAIRRO DIFERENTE!

Chã da Jaqueira

Situado a 20km do centro de Maceió, com uma população girando em torno dos 10.000 habitantes, Chã da Jaqueira se parece com todos os bairros de periferia das capitais nordestinas: casas de alvenaria, de pau-a-pique, estrada de chão batido, faltando creche, cemitérios, água e esgoto, escolas, transporte satisfatório etc... Se as condições de vida da população de Chã



Onde era um depósito de lixo...



...hoje, se constrói o Posto Policial da Chã.

da Jaqueira se assemelham às de outros bairros operários de Maceió e das demais capitais do Nordeste, do ponto de vista do trabalho comunitário, da união dos moradores em torno dos seus objetivos comuns, a situação é diferente. Poucas vezes temos chance de ver uma histó-

ria como a de Chã da Jaqueira. Nela está inscrita, com marcas profundas, a participação de seus habitantes nas diversas entidades de cunho associativo existentes. O resultado disso tudo é muito simples: o trabalho de ação comunitária, em Chã da Jaqueira está indo de vento em popa.

Grupo comunitário do bairro.



O primeiro bate-papo da reportagem do "Ação Comum" com os moradores da Chã foi no "Clube dos Caçadores".

A gente sobe, sobe, continua subindo e quando chega bem lá no alto, dá de cara com o clube, entidade fundada para congregar os moradores em torno de atividades esportivas e recreativas. O Clube dos Caçadores, a Comunidade de Jovens da Chã da Jaqueira, mobilizam os moradores no trabalho comunitário. No clube, mal a gente chega e vai se acomodando, pedindo um copo de água, querendo saber o nome das pessoas, assim meio sem graça... Pronto! Chega seu Wilson e manda bala, indo direto ao

seu Wilson seu Manoel e Henrique

assunto: — "Olha, vocês estão aqui é para saber como a gente faz os trabalhos comunitários, não é mesmo?"

— "Mais ou menos isso", respondemos explicando que estávamos

querendo saber também como foi o PRODAC-ACISO, e de que forma ajudou no desenvolvimento das atividades já existentes no bairro.

— "Olha, o MOBREAL ajudou muito, está sempre presente, orientando, discutindo, inventando novidades boas para o nosso povo. Muita coisa de bom nós fizemos com a entrada do MOBREAL aqui."

"A limpeza dos terrenos que serviam de lixeira por um mutirão onde participou muita gente, junto com o pessoal do Exército."

"Hoje o caminhão passa e leva o lixo embora pelo menos duas vezes por semana."

"No terreno onde ficava o lixo, estamos construindo o posto policial do bairro, uma necessi-

dade para todos nós, apesar do povo daqui ser muito honesto, religioso e trabalhador.

"Os marginais em geral vêm de fora, e aí, um posto policial é sempre bom."

"Também discutimos muito e vimos que não adianta a gente tentar resolver os problemas sem união e participação, conhecendo bem os problemas da nossa própria vida."

Seu Manoel (Manoel Antonio dos Santos), barbeiro, dirigente sindical, pessoa muito querida no bairro, vai mais além:

— "Com esse trabalho comunitário a gente não ganha o peixe, mas aprende a pescar."

Henrique da Silva, pedreiro, 20 anos de idade, malas prontas para tentar a vida do Rio de Janeiro, se despede com tristeza de tudo o que ajudou a construir em seu bairro:

— "Eu sei que eu vou sentir falta de tudo. Dos meus pais, dos amigos, de tudo. Mas parto com a consciência tranquila de que eu aprendi que o homem só é homem mesmo de verdade quando participa e batalha com seus irmãos por uma vida melhor."

seu Manoel e seu Wilson dizem...

"Olha, nós sentimos falta de mais escolas e de um cemitério, porque quando morre uma pessoa temos que enterrar em Maceió, andando vários quilômetros com o defunto nas costas. Quando chove então, é uma desgraça."

(Seu Wilson)

"O problema da água também é sério, mas não é só aqui não, é em toda Maceió. Mas o importante é que nós, com a ajuda de Deus, dos nossos amigos, do pessoal do MOBREAL, do RONDON, do Exército vamos seguindo em busca de uma vida melhor."

(Seu Manoel)

Missa Campal realizada na implantação do PRODAC/ACISO.



expediente

AÇÃO COMUM — É uma publicação da Gerência de Programas de Ação Comunitária — GEPAC, do Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBREAL, Rua Visconde de Ouro Preto, 62 - Botafogo.

PRESIDENTE
Arlindo Lopes Corrêa
SECRETÁRIO EXECUTIVO
Sérgio Marinho Barbosa
SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Odaléia Cleide Alves Ramos

Redigido pela GEPAC e editado pela GECOM — Gerência de Comunicação Social.